

Fruta portuguesa entre as mais afetadas com resíduos de pesticidas perigosos, revela estudo

27 de Setembro, 2022

Os frutos de outono produzidos na Europa estão contaminados com os pesticidas mais perigosos, com a fruta Portuguesa entre as mais afetadas. A conclusão faz parte dos últimos dados governamentais analisados pela Pesticides Action Network (PAN) Europe – da qual faz parte a ZERO e outras Organizações Não Governamentais (ONG) Europeias.

De acordo com os dados, citados num comunicado pela Associação ZERO, “uma grande proporção de peras (49%), uvas de mesa (44%), maçãs (34%), ameixas (29%) e framboesas (25%) foram vendidas com resíduos de pesticidas perigosos, ligados ao aumento do risco de patologias como o cancro, as deformações congénitas e a doença cardíaca. A maioria destas substâncias tem um risco considerável mesmo em pequenas doses”.

A fruta de alguns países tem uma maior frequência de contaminação que outras. “Cerca de três quartos (71%) das maçãs dos Países Baixos, comparativamente a metade (50%) das maçãs Portuguesas, apresentavam resíduos destas substâncias, assim como a maioria das peras Belgas, Holandesas e Portuguesas (71%, 70% e 68% respetivamente)”, apontam os mesmos dados, citados pela ZERO. Já as framboesas Norueguesas, segundo a análise, foram as que apresentaram, de longe, “valores mais altos (61%), comparativamente com 11% das framboesas em Portugal”.

O relatório intitulado “Pesticide Paradise, how industry and officials protected toxic pesticides from a policy push for sustainable farming” demonstra que este é um problema que está a piorar. A PAN analisou 44.137 amostras de fruta fresca, analisadas pelos governos nacionais entre 2011 e 2020, e encontrou um aumento significativo da abrangência da contaminação: “em maçãs, peras e ameixas o valor é quase o dobro desde 2011 (110%, 107% e 81% respetivamente), com um terço (33%) de todos os frutos estavam contaminados em 2020, comparativamente com os 20% de 2011”.

As amostras oficiais mostram um “aumento significativo da frequência de contaminação em maçãs, peras e ameixas”, com um “aumento global contínuo em dúzias de frutos testados oficialmente”

As doenças ligadas aos pesticidas custam aos europeus até 32 mil milhões de euros por ano

Segundo a ZERO, este relatório surge 60 anos depois do dia em que foi publicado a Primavera Silenciosa – o livro que alertou, pela primeira vez, o público para os perigos dos pesticidas, o que ajudou a despoletar o movimento ambientalista moderno. Um dos alertas centrais do livro é a “corrida aos pesticidas”, descrevendo os “perigos da resistência química advinda de um

modelo agrícola dependente da aplicação sistemática de pesticidas: um modelo perfeito para as empresas produtoras, mas com sérias implicações de acordo com vários investigadores”.

Desde a publicação do livro, a 27 de setembro de 1962, o uso de pesticidas aumentou, a extinção de espécies está a ocorrer mil vezes mais depressa do que o normal – sendo o uso de pesticidas um fator significativo – e estima-se que as doenças ligadas aos pesticidas custam aos europeus até 32 mil milhões de euros por ano, refere o mesmo comunicado.

Captura por interesses económicos e falha regulamentar

Reconhecendo estes problemas, a União Europeia (UE) aprovou duas leis importantes em 2009. A primeira para eliminar gradualmente a categoria mais tóxica de pesticidas onde existam alternativas não químicas, a segunda para assegurar a aplicação das melhores práticas e técnicas por todos os agricultores.

O relatório da PAN lançado revela que a “eliminação progressiva dos pesticidas falhou porque os governos estão a seguir diretrizes escritas em estreita parceria com os gigantes químicos BASF, DuPont (agora Corteva) e Syngenta”.

A Comissão Europeia tinha conhecimento do “fracasso da eliminação progressiva dos pesticidas mais tóxicos”, pelo menos desde 2018, mas “não tomou qualquer medida significativa”. A PAN, tal como cita a ZERO, sublinha que “as diretrizes devem ser substituídas por outras que reconheçam a eficácia das alternativas não químicas aos pesticidas, caso contrário o novo objetivo da UE para a redução de pesticidas está condenado à partida”.

Segundo sondagem oficial, também citada pela associação portuguesa, mais de um terço dos Europeus está preocupado com a contaminação de alimentos por pesticidas, sendo a questão a principal preocupação em seis países europeus. “Em 2017, foi apresentada a segunda petição certificada pela UE mais popular, que apela à proibição completa do uso sistemático de pesticidas. Uma campanha Toxic 12 apela aos decisores para eliminar urgentemente os piores pesticidas”.

A ZERO lembra, no mesmo comunicado, que tem vindo a alertar para o “fracasso geral na disseminação das melhores práticas em termos de gestão da fitossanidade em Portugal”, nomeadamente através da “adoção dos princípios da Proteção Integrada, algo que é obrigatório desde 2014 (Lei n.º 26/2013, redação atual), mas apenas no papel”. Para sair do paradigma da “dependência crónica de pesticidas da agricultura Portuguesa”, a Associação recomenda a urência de se incentivar a “capacitação dos agricultores na efetiva utilização de métodos e práticas alternativos à luta química”, sobretudo a “limitação natural dos inimigos culturais”.